



UMA EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM ATRAVÉS DA “ROTA DE FUGA” NA VILA DE SOCORRO, BARÃO DE COCAIS, MINAS GERAIS¹

Janise Bruno Dias²

Luiza Magalhaes de Almeida Andrade³

Guido Lins⁴

RESUMO

A experiência da disciplina, “Estudos de paisagem em Geografia”, proporcionada no curso de geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, teve por objetivo trabalhar a geopoética através da vivência experienciada pelos estudantes, escavando as paisagens “destróçadas” de comunidades evacuadas como Socorro, Barão de Cocais, Minas Gerais - MG, localizada a jusante da barragem de rejeito da Companhia VALE S.A., condenada pelos órgãos fiscalizadores e desnudando os lugares “usurpados” dos seus moradores. Apresentamos a construção teórica sobre as essências geográficas paisagem e lugar, leituras feitas e discutidas durante a disciplina, por meio da interlocução dos autores (DARDEL, 2011; MARANDOLA JÚNIOR, 2010; DE PAULA, 2015; MEINING, 2003; entre outros) que se revelam no desenvolvimento da pesquisa-ação; posteriormente, como resultados, os relatos de vivências dos estudantes aliados ao processo de elaboração das formas de linguagem desenvolvidas; e, por fim, fizemos algumas considerações sobre as escolhas feitas no caminho trilhado, com o suporte das essências geográficas, para refletir sobre a nossa experiência enriquecida por aquelas que o campo nos revelou, essas “paisagens desalojadas”.

Palavras-chave: experiência; paisagem; lugar; rota-de-fuga; Socorro (Barão de Cocais)

ABSTRACT

L'expérience de la discipline « Etudes du paysage en géographie », dispensée dans le cours de géographie de l'Université fédérale du Minas Gerais, visait à travailler sur la géopoétique à travers l'expérience vécue par les étudiants, en fouillant les paysages « détruits » des communautés évacuées telles que Socorro, Barão de Cocais, Minas Gerais - MG, situé en aval de la digue à stériles de Companhia VALE SA, condamné par les organismes d'inspection des

¹ Os resultados desse trabalho fazem parte de projeto de extensão com apoio e bolsa da PROEX e IGC da UFMG

² Professora Doutora do Curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais - MG, janisebdufmg@gmail.com;

³ Egressa licenciada pelo curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais - MG, magalhaesluiza18@gmail.com

⁴ Egresso licenciado pelo curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista voluntário de extensão do curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais - MG, guidolb13@hotmail.com



Organes et dénudant les lieux « usurpés » de ses résidents. Nous présentons la construction théorique sur les essences géographiques, le paysage et le lieu, les lectures faites et discutées au cours, à travers le dialogue des auteurs (DARDEL, 2011 ; MARANDOLA JÚNIOR, 2010 ; DE PAULA, 2015 ; MEINING, 2003 ; entre autres) révèlent dans le développement de la recherche-action ; plus tard, comme résultats, les rapports des expériences des étudiants combinés avec le processus d'élaboration des formes de langage développées ; et, enfin, nous avons fait quelques réflexions sur les choix opérés le long du chemin, à l'aide d'essences géographiques, pour réfléchir à notre expérience enrichie de ceux que le terrain nous a révélés, ces « paysages délogés ».

Mot-clés: expérience; paysage; lieu; voie d'évacuation; Socorro (Barão de Cocais)

INTRODUÇÃO

Apresentamos uma experiência da disciplina, “Estudos de paisagem em Geografia”, vivenciada no curso de geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, cujo objetivo foi escavar as paisagens “destroçadas” de comunidades evacuadas como Socorro, Barão de Cocais (FIGURA 1), Minas Gerais (MG), localizada a jusante da barragem de rejeito da Companhia VALE S.A., condenada pelos órgãos fiscalizadores e trabalhar a geopoética através da vivência experienciada pelos estudantes, desnudando os lugares “usurpados” dos seus moradores. A mineradora adotou uma postura que, segundo a mesma, se propõe preventiva, depois dos dois desastres do rompimento das barragens de Fundão (2015) e do Córrego do Feijão (2019). Esse posicionamento levou à evacuação de muitas comunidades, no meio da madrugada, sem direito a voltar ou resgatar nada. Veem-se agora por ali, apenas as placas: “Rota de fuga”. Perguntamos então: Pra quem? E para onde?

Nesse estudo, apresentamos a paisagem dos arredores da vila de Socorro, evacuada na noite de 8 de fevereiro/2019, pelo eminente risco de rompimento da cava da mina de minério de ferro do Gongo Soco da empresa VALE S.A., localizada a montante da comunidade. Tratamos do resultado da experiência de imersão de alguns estudantes da UFMG naquele espaço, proposta durante uma ação de ensino e extensão do curso de Geografia da UFMG. Estes discentes acolheram o desafio de, por meio de uma interlocução com alguns autores e outras linguagens geográficas, fazer a experiência da paisagem e também dar voz às falas caladas pela opressão da minério-dependência, neste “lugar usurpado”, nos arredores da comunidade foco do nosso campo. Partindo da questão: “o que é a paisagem para mim?” para, depois de uma imersão em campo, desvelar “que lugar é esse para mim?” - foi proposta uma travessia



da paisagem ao lugar. Nesse processo, os estudantes se esforçaram para escavar o lugar de vida, de afetos, de relações e de expressão da cultura local dos afetados pelo rompimento iminente. A partir da escolha de um caminho de reflexão e expressão, apresentaram essa paisagem que intitularam “Rota de fuga”, uma menção aos avisos espalhados por toda a região, mas também com o propósito de resgatar as comunidades de Socorro, André do Mato Dentro e Cruz dos Peixotos, como esse lugar de “fuga” para seus moradores, das mazelas do cotidiano da metrópole. Essa paisagem é revelada aqui por meio dos relatos de campo dos estudantes e do processo de construção do projeto de expressão dela mesma, elaborado por cada um.

Figura 1. Localização do município de Barão de Cocais - MG

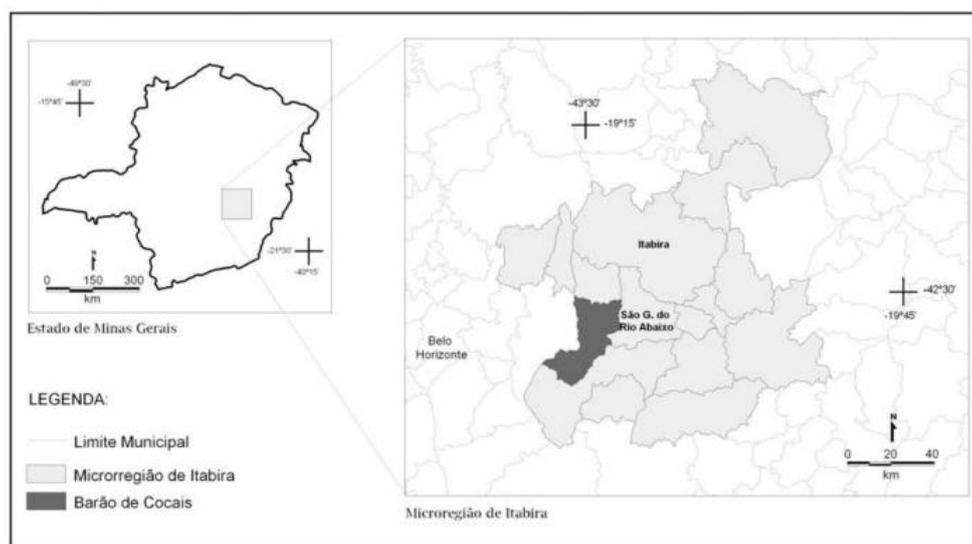


Figura 02: Localização do município de Barão de Cocais - MG

Fonte: IBGE, 2006

Fonte: Alves; Diniz (2008).

CAMINHO TRILHADO (METODOLOGIA)

A construção teórica sobre as essências geográficas da paisagem e do lugar tiveram a interlocução de autores como: Dardel, 2011; Marandola Júnior, 2010; De Paula, 2015; Meining, 2003, entre outros que se revelaram no desenvolvimento da pesquisa-ação. A primeira atividade desenvolvida na disciplina teve o intuito de desvendar “o que era a paisagem” para cada um dos participantes da disciplina. O texto “A Paisagem e Existência e Realidade Geográfica” por Éric Dardel (2011) introduziu o conceito. Foi solicitado que os estudantes buscassem tirar uma foto de algum local que aparecesse para eles como uma paisagem revelada.



As vivências que são experienciadas sem amarras, nem pré-conceitos, podem produzir resultados inesperados e surpreendentes. Esse ensaio de campo foi conduzido pela reflexão sobre este fazer geográfico: a Geopoética. Em uma disciplina em que fizemos uma experiência de imersão em André do Mato Dentro, comunidade rural de Santa Bárbara, vizinha a Socorro - comunidade evacuada de Barão de Cocais, e teve o intuito de ser o ápice da nossa experiência de mergulhar na paisagem e deixar aflorar em cada um a experiência do lugar. O desafio foi que os estudantes assumissem o “corpo-lugar”, assim como cita De Paula, “meu corpo não é apenas um objeto entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores...” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.317 citado por DE PAULA, 2015, p.60). Nessa experiência proposta, o objetivo foi deixar fluir o “lugar” de vida de comunidades inteiras capturado pela mineradora Vale através das paisagens “destroçadas” e de forma a provocar um “acontecimento geopoético” (DE PAULA, 2015) e um terremoto das nossas “tonalidades afetivas”, deixar aflorar nesse encontro, o lugar de cada qual dos estudantes.

No percurso da disciplina “Estudos de paisagem em geografia” pretendemos desbravar a paisagem, como ela se revela a partir da relação que se estabelece entre o “ser” humano e a terra, mostrando essa essência pelos olhares da Geografia e explorando também sua interdisciplinaridade. A disciplina recebeu alunos de diferentes áreas do conhecimento: Geografia, Arquitetura e Urbanismo e Belas Artes. Favorecendo as perspectivas e olhares sobre a paisagem.

A primeira atividade desenvolvida na disciplina teve o intuito de desvendar o que é a paisagem para cada um. O texto “A Paisagem e Existência e Realidade Geográfica” por Éric Dardel (2011) introduziu o conceito. Foi solicitado que os alunos buscassem tirar uma foto de algum local que aparecesse para eles como uma paisagem revelada. O resultado foi diverso: fotos da vista de suas casas, da faculdade ou de um outro “lugar” que refletia uma relação afetiva.

Na continuidade da reflexão sobre a construção da paisagem e sua apresentação, os estudantes foram convidados a vivenciar uma exposição de fotos do artista mineiro *José Luiz Pederneiras*, “O outro lado da montanha”. A discussão foi conduzida para o processo de construir a paisagem, como ela é produzida e apresentada para o outro, no caso específico da exposição, como o fotógrafo, a partir de seu olhar, mostrou Minas Gerais por meio dessas paisagens. Para acompanhar a exposição, foi proposta a leitura



do texto: "Humanismo e arte", de Marandola Júnior (2010). Fomos convidados a ir a (...) O "além-mar", o "além império", as "terras ermas" ou o "além república" (MARANDOLA JR, 2010 p.10). O autor no apresenta Wrigth (1947) que aponta para a diferença entre as terrae incognitae científicas e as pessoais, pois cada um de nós possui experiências e conhecimentos individuais, que constituem verdadeiros microcosmos, um egocentrismo."(...) "O conhecimento geográfico é inerente à própria realidade e está sendo constituído no cotidiano das pessoas, na efetivação de políticas no campo, em intervenções urbanas, em escritos literários, em manifestações culturais, em crenças religiosas."(p.) "(...) A arte é uma das principais expressões dessa humanidade. No entanto, é necessário ter a medida certa de sua natureza e vínculos com o espaço e a cultura."(...) "Arte e pensamento são completamente comunicáveis e interligados. (p.15)

A arte faz a intermediação da experiência da realidade geográfica. Para Marandola Jr. "Há uma relação entre espaço e tempo indissociável, trazendo história, cultura e geografia para o centro da compreensão da manifestação artística"(2010, p.18).

A partir de uma obra arte, temos a mediação da realidade, como nos explicou Fischer; o artista, por meio de técnicas e signos, revela a memória, a cultura, a marca da sociedade. Mas cada um vivencia singularmente e subjetivamente a obra, por isso, como a obra se revela ao Ser, pode não expressar como ela foi concebida pelo seu autor.

Como Marandola Jr pontua, "nossas paisagens interiores. Somos nós que temos de nos refazer, incorporando (...) verdades tão concretas quanto a solidez aparente de nossos números, fórmulas e modelos" (2010, p. 21). Entender que a paisagem vai além do exato, da matemática, vai a um humanismo que varia de um a outro e se chocam e se complementam. Precisamos "reaprender a contemplar, com olhar lírico, as paisagens e os lugares" (MARANDOLA Jr, 2010, p. 22).

Prosseguindo com a ideia da construção da paisagem, das suas famosas curvas e ondulações, procuramos a *Geopoética*, e, para uma reflexão experiencial, fomos ao Parque Municipal da Serra do Curral, próximo da Praça do Papa, em Belo Horizonte (MG). Para nos guiar nessa travessia e ir relacionando a paisagem que se mostrava aos nossos olhos, a leitura do texto "Sobre Geopoéticas e a Condição Corpo-terra", da geógrafa, Fernanda Cristina De Paula (2015) foi o nosso norte. Em seu texto, a autora fala de "acontecimentos geopoéticos" e nos pergunta se já o vivenciamos. Para explicar o que são esses momentos, De Paula escreve



(...) me isolava, procurava um lugar para sentar e quedava, quieta, percorrendo os olhos pelo horizonte muito longe, muito amplo, variando a postura do olhar entre focar pequenos detalhes ou fazê-lo viver na imensidão (nas tendências, nas discrepâncias do conjunto). Algumas vezes, sem aviso, me ocorria algo: um embevecimento, um encantamento com aquela vista, uma quase incredulidade em relação àquela beleza incomum (pois, vista, vivida, de cima) e, súbito, me vinha uma angústia, uma inquietação, como uma braveza por viver aquela imensidão e, ao mesmo tempo, estar longe dela. Eu saía ensimesmada dessas ocasiões; com o tempo, soube, que para manejar essa inquietação, a única saída possível era escrever (de forma literária) sobre ela. Chamo, momentos como esses, de acontecimentos geopoéticos (2015, p. 51).

Para sintetizar tudo que foi discutido e vivenciado até ali, foi realizada uma imersão em campo na comunidade evacuada de Socorro, em Barão de Cocais (MG), subdistrito de André do Mato Dentro, em Santa Bárbara (MG), vizinha ao Parque Nacional da Serra do Gandarela e comunidade-irmã de Socorro que teve sua população que atualmente sofre grandes efeitos da exploração de minério em terrenos da região. Os estudantes foram orientados a registrar a sua vivência da paisagem - com uma liberdade de linguagens - e todo o momento que os “tocasse”. No retorno, foi proposto um relato da experiência que dialogasse com as reflexões e abordagens que exercitamos até ali. Nessa experiencição, a paisagem dentro de cada um revelou novamente a interdisciplinaridade.

A intenção do trabalho foi abordar a essência paisagem, na perspectiva humanista, aplicada aos arredores da comunidade rural de André do Mato Dentro, como maneira de cada um apresentar como a paisagem se construiu dentro de cada um dos estudantes. Além disso, como consequência desse trabalho, pretendeu-se divulgar essa situação sujeita a catástrofe nessa comunidade e região, bem como as potencialidades naturais e biodiversa, para que mais pessoas conheçam a comunidade, de diferentes maneiras, cada um criando sua própria paisagem. Os estudantes foram orientados a ter consigo um diário de bordo e registrar - com uma liberdade de linguagens - todo o momento que os “tocasse”, “incomodasse”, os tirasse da zona de conforto. No retorno, foi proposto um relato da experiência que dialogasse com as reflexões e abordagens que exercitamos até ali.

A TRAVESSIA DA PAISAGEM AO LUGAR (REFERENCIAL TEÓRICO)

Geografia são muitas... Os olhares geográficos são diversos, como são diversas as pessoas e diversas suas experiências. É a mesma paisagem vista por ângulos e olhares distintos. Assim é a geografia ou as geografias. Que geografia é essa? Dardel (2011) nos convida a pensar... “A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se



realizar em sua condição terrestre” (p. 33). A partir desse pensar da Geografia, que não assinala uma indiferença, um distanciamento ou um isolamento do fenômeno geográfico, ela só vai tratar daquilo que nos importa, nos interessa, da nossa inquietação.

A ciência geográfica não é um pré-conhecimento. Assim a “realidade geográfica” (DARDEL, 2011) é o “lugar” – trataremos dessa essência geográfica mais adiante - onde está o homem, os seus lugares de infância, o ambiente que atrai sua presença, onde ele pisa ou trabalha, o horizonte do seu cotidiano. Sua objetividade se estabelece em uma subjetividade que exige uma adesão total do sujeito (do ser) - sua vida afetiva, seu corpo, seus hábitos. A tonalidade afetiva não requer uma geografia de romantismo da terra, mas reafirma a Geografia que ali permanece, “habitualmente, discreta, mais vivida que exprimida” (DARDEL, 2011, p. 34). A realidade geográfica nos permite propor questionamentos.

Movimento, combate, acontecimento, todo esse dinamismo deixa-se adivinhar no espaço da Terra. (...) Temporalização de nosso ambiente terrestre, espacialização de nossa finitude, a Geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio homem como pessoa sujeito (...) não como “mestre interventor” inconsciente, na sua experiência geográfica. (DARDEL, 2011, p.39)

O autor nos incita a refletir se “A geografia não é (...) uma maneira de sermos invadidos pela Terra, pelo mar, pela distância, (...) conduzidos em uma direção, atualizados pela “paisagem” como presença da Terra?” (DARDEL, 2011, p.39).

“O que é a paisagem para mim?” Jamais paramos para refletir... Uma simples caminhada e o registro fotográfico de algo, uma noção do que seja a paisagem pode nos conduzir a pensar o que está na “essência” do vocábulo. Um sentimento, uma memória, uma imagem, uma conjugação de formas, a experiência, a vida, o mundo...

A noção de “paisagem” se apresenta como “percepção” da “expressão” de alguma dimensão. Linguagem comum que depende de quem ela é vista, o olhar do sujeito. Percebe-se na maior parte das definições uma visão subjetiva da paisagem, sempre associada a sua acepção pictórica.

O que se observa na evolução da noção de “paisagem” é que a mesma se situa na “interfície” da natureza e da sociedade (BERTRAND, 1972 citado por DIAS, 2006). Ao final do século XIX, vislumbra-se um contexto favorável ao surgimento do interesse científico pelo termo “paisagem” no ocidente. A “Ciência da paisagem” recebe a contribuição e é apropriada por diferentes disciplinas, a Agronomia, a Arquitetura, as Artes, a Engenharia, a “Geografia”, a Ecologia da Paisagem e outras. Seu caráter



polissêmico e “proteíforme”, parafraseando Wieber (1995 citado por DIAS, 2006 p.78), e sua transversalidade, possibilitam essa aproximação.

A paisagem é um espetáculo. Paisagem é uma palavra proteíforme, um pouco mágica, no discurso geográfico e naquele de muitas pessoas. Ela serve, portanto, de suporte neutro aos adjetivos que somente esclarecem do quê ela é questão (paisagem rural, vegetal, urbana, política, etc.). Ela envolve também de maneira imprecisa, os estudos mais complexos e mais seguros, a respeito das combinações ecológicas ou culturais onde os efeitos se inscrevem de maneira sensível no espaço. (WIEBER, 1995 p.182, citado por DIAS, 2006 p. 78)

A preocupação com a paisagem permaneceu mais implícita que claramente expressa até o fim do século XIX. Especialmente no século XVII, a paisagem aparece como representativa da realidade, para além da filosofia da estética, era a paisagem real, visível. Na construção do conceito de paisagem, na elaboração das doutrinas geográficas, a paisagem é redefinida num discurso novo, meramente científico, na condição dos elementos naturais em um grupo autônomo e coerente. Na Alemanha do sec. XVIII, Humboldt vê a *paisagem* como um conjunto de relações de fatos naturais – visão holística, método explicativo e comparativo - associava elementos diversos da natureza a ação humana sistematizando a ciência Geográfica e é corroborada pelo seu pares Ritter e Ratzel. Fortemente impregnada do naturalismo. As marcas nesta noção de paisagem do positivismo na escola alemã, vão se manter na Geografia e dar lugar a uma corrente do pensamento referindo-se à ela, na Alemanha e fora dela. Esta escola dará origem à Geocologia de C. Troll, depois à “Ecologia da Paisagem”.

No início do sec. XX, publica o manifesto *Fundamentos da ciência da paisagem - Fondements de la Landschaftskunde*” - sob uma ótica territorial, expressão espacial das estruturas da natureza, organizada por leis. Paralelamente os pensadores da *kulturlandschaft* e *cultural landscape*, difundem o conceito de paisagem que integrasse os elementos de ordem social aos elementos naturais. Esse conceito foi difundido por N. Krebs à sociedade de Geografia de Berlim em 1923. Crescem as críticas à abordagem estritamente especializada, contra o determinismo da Geografia de causalidades e linearidades. *Neste clima*, Schlütler lança a NATURLANDSCHAFT-KULTURLANDSCHAFT descrição fisionômica associando os elementos tanto da natureza quanto da cultura.

Na América, em 1925, é publicado um artigo *Morphology of Landscape*, de Carl O. Sauer - l'École de Berkeley, em que o termo paisagem é referenciado para fundar o conceito unitário da Geografia. Ele define a paisagem enquanto organismo complexo, resultado de associações de formas que podem ser analisadas. Para Sauer (1925) A



PAISAGEM “tem forma, estrutura, um funcionamento e uma posição dentro de um sistema, e este sistema está sujeito a desenvolvimento, transformação, aperfeiçoamento”. Fundamenta-se na interdependência e fator tempo, elementos materiais e recursos naturais combinados a obras humanas resultantes do uso cultural da terra.

Na França, na segunda metade do sec. XIX Vidal de La Blache, contemporâneo de Ratzel, trabalha a relação cultura que transforma a natureza concebendo o *conceito de “pays”*. Vidal de La Blache e seus contemporâneos falaram da Geografia Regional e dos gêneros de vida. Uma noção de região homogênea, território onde se exprimem os gêneros de vida. Esses estudos evoluem para uma ciência social e *a paisagem deixa de se impor como o objeto de estudo em si*.

Na Rússia, no início do séc.XX Dokoutchaev define o “Complexe Naturel Territorial”, uma outra expressão dos fatos de estrutura na natureza, que chamou Complexo Natural Territorial (CNT). Esses estudos também estão na base da da Ecologia da paisagem ou Geocologia de Carl Troll. O CNT também está na base da concepção do conceito de Geossistema trabalhado pela escola naturalista da Geografia, surgiu na escola russa de um esforço de teorização sobre o meio natural, suas estruturas e seus mecanismos tal como existem na natureza. O termo *geossistema* foi utilizado em 1963 por Sotchava (1977) para descrever *a esfera físico-geográfica, que apresentava características de um sistema, com base no fato de que as “geosferas” terrestres estariam interrelacionadas por fluxos de matéria e energia*.

Importante acompanhar esse histórico do conceito da paisagem e sua aproximação com a Geografia pra compreender como as escolas de Geografia brasileira vêm construindo o conceito de paisagem como categoria e essência geográfica.

Dos conceitos de paisagem em Geografia, há consenso de que existe uma relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos; e de que não é apenas um fenômeno natural, mas inclui a existência humana. A paisagem *existe enquanto presença do homem*.

O conceito de paisagem na Geografia brasileira foi construído sob a influência das escolas francesa; alemã e recentemente anglo-saxônica na Ecologia da paisagem. Como exemplos podemos citar os *Domínios Morfoclimáticos* – Ab`Saber (1969); a *Compartimentação do relevo* – Aroldo Azevedo (1940); *Estudo da fragilidade dos ambientes*, na Geomorfologia – ROSS (1985) (1990).



A paisagem se apresenta nesses estudos como: meio ambiente; ambiente natural; unidade espacial; unidade visual. Podendo ser definida por meio das feições do uso dos solos. É produto: paisagem urbana, rural, degradada ou natural; unidades territoriais e/ou espaciais - municípios; parques e bacias hidrográficas. Alguns aspectos que perpassam os conceitos de paisagem e seus estudos na Geografia são: o aspecto visual; a complexidade de inter-relações entre elementos físicos e culturais; a possibilidade de cartografar a paisagem; a diversidade de escala; a classificação com ênfase em homogeneidade; a ênfase em um elemento – relevo, solo, clima, vegetação, uso e ocupação, uso e cobertura; e ainda a análise por meio de estrutura e/ou funcionamento. Estes se concretizam nos *Estudos Integrados* usados no planejamento e na gestão dos espaços e territórios, a exemplo do *ZEE - Zoneamento Ecológico Econômico*.

Autores como Maximiano (2004), Schier (2007) tem se esforçado por trazer esse resgate da concepção da paisagem com o objetivo de situar essa abordagem da categoria paisagem nas escolas de Geografia no Brasil. Ela tem se manifestado essencialmente naturalista, o que nos revela como consequência uma ambiguidade dentro de sua concepção como categoria analítica como paisagem natural ou paisagem cultural.

A preocupação com a paisagem permaneceu mais implícita do que claramente expressa até o fim do século XIX. Dos conceitos de paisagem em Geografia, há consenso de que existe uma relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos; e de que não é apenas um fenômeno natural, mas inclui a existência humana. A paisagem existe enquanto presença do homem.

O conceito de paisagem na Geografia brasileira foi construído sob a influência das escolas francesa, alemã e, anglo-saxônica. A paisagem se apresenta nesses estudos como: meio ambiente, ambiente natural, unidade espacial, unidade visual; podendo ser definida por meio das feições do uso dos solos. É produto: paisagem urbana, rural, degradada ou natural; unidades territoriais e/ou espaciais - municípios; parques e bacias hidrográficas. As propostas da Geografia no conceito de paisagem se concretizam nos *Estudos Integrados* usados no planejamento e na gestão dos espaços e territórios.

Meinig (2003), apresenta as diversas versões para a paisagem. Segundo o autor, “há aqueles que observam a cena variada e consideram a paisagem como natureza, como habitat, como artefato, como sistema, como problema, como riqueza, como ideologia, como história, como lugar, como estética” (p.36). Para cada uma das formas de apropriação da cena temos uma possibilidade de estudá-la. Ela existe enquanto essência,



singular, que revela a realidade geográfica expressa na geograficidade de Dardel (2011, p. 1). As vivências que são experienciadas sem amarras, nem pré-conceitos, podem produzir resultados inesperados e surpreendentes.

Entretanto, temos trabalhado a paisagem enquanto uma essência geográfica, fruto da relação do homem (ser) com a terra. Nessa concepção ela surge enquanto produto desse embate seja ele afetivo, emocional ou concreto. Ele, esse produto-paisagem, exprime uma marca, as crenças, as memórias, o suor, o trabalho que se revela na sua relação com a terra, que exuma em suas formas os seus processos, de expulsão das suas substâncias geomáticas e em sua conjugação com dinâmicas da troposfera e atmosfera, que se tornam substrato para expressões singulares da vida. Nessa concepção não há espaço para dicotomias da paisagem, ela existe enquanto essência, singular, que revela a realidade geográfica expressa na *geograficidade de Dardel (2011)*. A arte é uma das linguagens que apresenta a essência paisagem.

Esse ensaio de campo foi conduzido pela reflexão sobre este fazer geográfico: a Geopoética. A experiência de imersão nos arredores da comunidade rural de Socorro, comunidade evacuada de Barão de Cocais, teve o intuito de ser o ápice da nossa experiência de mergulhar na paisagem e deixar aflorar em cada um a experiência do lugar. O desafio foi de que os estudantes assumissem o “corpo-lugar”, assim como cita De Paula, “meu corpo não é apenas um objeto entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores...” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.317 citado por DE PAULA, 2015, p.60).

A durante a disciplina “Estudo de paisagem em Geografia” pretendemos desbravar a paisagem como ela se revela a partir da relação que se estabelece entre o “ser” humano e a terra, mostrando essa essência pelos olhares da Geografia e explorando também sua interdisciplinaridade. Acolhemos discentes de diferentes áreas do conhecimento: Geografia, Arquitetura e Urbanismo e Belas Artes. Favorecendo as perspectivas e olhares sobre a paisagem.

O ACONTECER GEOPOÉTICO (RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES)

O texto “A Paisagem e Existência e Realidade Geográfica” por Éric Dardel (2011) introduziu o conceito. Na atividade introdutória, foi solicitado que os alunos buscassem tirar uma foto de algum local que aparecesse para eles como uma paisagem revelada. O



resultado foi diverso: fotos da vista de suas casas, da faculdade ou de um outro “lugar” que refletia uma relação afetiva.

A estudante de arquitetura escolheu a paisagem que a acompanha diariamente no seu trajeto mais recorrente a caminho da Escola de Arquitetura e Design da UFMG - EAD. De uma maneira prática, a aluna escolheu algo ordinário, uma foto do prédio em que estuda, e que a levou a refletir sobre sua escolha. Reparou que a Escola de Arquitetura saltava aos seus olhos, por isso escolhida, por ser um local que sempre frequenta e por ser o foco do seu caminhar pelas ruas - familiaridade. Na tentativa de refletir sobre a paisagem por um olhar de um estranho - distanciamento, percebeu que a EAD-UFMG - prédio - se esconde, quase imperceptível atrás das árvores largas e altas. No seu texto, a aluna expressou como a paisagem escolhida se apresentou de maneira singular e pessoal, dependendo da afetividade que acompanha a direção do olhar e, portanto, deixando-se revelar Dardel, “retire de sua banalidade, como uma redescoberta que revaloriza todas as aparências” (2011, p. 36). Ao tentar construir um olhar questionador, a aluna conseguiu reparar na diversidade de olhares que se pode ter a partir de uma mesma foto, que revela a pessoa que olha.

A aluna de Belas Artes (2/2019), desbravou a ideia da paisagem como sendo tudo que nos rodeia, não somente pela visão, mas também pelos outros sentidos.

‘Segundos após a saída do útero os olhos se abrem em paisagem. A formação das paredes, o encontro dos azulejos brancos, a sutil mudança de tons cinzentos indica rofundidade. Tudo é paisagem. A primeira floresta são os cabelos vermelhos de minha mãe, tão quentes e vivos que me aqueciam o olhar enquanto o corpo sentia o frio do fim de maio. O descanso dos olhos do meu pai é a vista da janela da sala: infinitas plantações de café e a ponta corroída da Pedreira Santo Antônio pertencem à nossa casa desde 1985.’

A formulação de minha paisagem é carregada de sentimento e memória, e possui relação direta à elaboração escrita de Dardel, o qual indica que: “a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social.” (DARDEL, 2011, p. 32)

Por ser do campo das artes, em seu texto sobre a paisagem, ela foca o seu olhar na ideia de cor e iluminação que Dardel traz em seu texto: “a cor se torna a cor do mundo, revela a substância das coisas, num acordo fundamental da nossa existência com o mundo.” (DARDEL, 2011, p. 38). Ao responder a pergunta do que é paisagem para ela, responde,

‘A paisagem para esta estudante de Artes Visuais é o resgate daquilo que não é apenas memória,



e sim, desejo. O desejo de guardar na retina, o desejo de permanência em cada terreno. É sobre redescobrir-me no espaço, é estar presente e ausente em uma oscilação constante. O desejo de entender o motivo pelo qual a cor verde me agrada tanto, ou sobre o porquê gostar de marrom e de luzes amarelas, sobre o remeter à minha terra.'

Para essa aluna em particular, a importância dos elementos artísticos, é fundamental, sendo essa a sua especialidade, digamos assim. A estudante, citando Dardel, indica três desses elementos para a construção da paisagem, são eles: cor, iluminação e a concepção da Terra como base da existência. Entendendo sempre a paisagem como a construção de uma imagem, de quase um quadro composto por inúmeros detalhes e cores, "muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma "impressão", que une todos os elementos" (DARDEL, 2011, p. 30).

A visita a exposição de fotos do mineiro José Luiz Pederneiras, "O outro lado da montanha" trouxe uma outra experiência para o processo de construir a paisagem. A questão sobre como a "paisagem" é produzida e apresentada para o outro, no caso específico da exposição, como o fotógrafo, a partir de seu olhar, mostrou Minas Gerais por meio dessas paisagens.

A discussão após a visita à exposição foi muito rica, tecemos várias discussões, questionamo-nos de que maneira cada um representaria o nosso estado e a presença da mineração se fossemos o expositor. Algumas das questões levantadas: como foi construída a própria exposição, a ordem das telas, como elas estavam na sala, a presença da poesia de Carlos Drummond, e, finalmente, se todos gostaram, qual foi a impressão.

Prosseguindo no nosso percurso para uma reflexão experiencial, fomos ao Parque Municipal da Serra do Curral, próximo da Praça do Papa, em Belo Horizonte. Ali, fizemos uma travessia. O percurso iniciou-se na entrada do Parque e subimos parando em alguns pontos de onde poderíamos contemplar a cidade de BH e além. Vários assuntos se revelaram ao longo da travessia, entre eles, discutimos os elementos da paisagem, suas cores, sobre a utilização do espaço na "grande" capital, e como não poderia fugir aos nossos olhares, a mineração que conseguimos ver claramente em um espaço próximo à Vila Acaba Mundo - uma comunidade que se localiza à jusante do parque e leva esse nome em virtude de estar localizada nas cabeceiras do córrego Acaba Mundo. Guiados nessa travessia pela paisagem que se desvelava aos nossos olhos e pela



leitura do texto “Sobre Geopoéticas e a Condição Corpo-terra”, da geógrafa, Fernanda Cristina De Paula (2015).

Nos relatos, foi possível perceber como os alunos se sentiram nesses “acontecimentos Geopoéticos” (DE PAULA, 2015). A estudante das Belas Artes começou seu relato com um questionamento paradoxal:

‘se todos os homens pudessem ver o mundo do alto não seriam tão arrogantes... Ou seriam mais gananciosos?’. Ao se encontrar na vista da Serra, pôde contemplar a imensidão do mundo que pode nos mostrar tanto a nossa pequenez, que nos coloca em nosso devido lugar, de seres pertencentes e ínfimos, quanto pode nos lançar a infinitas possibilidades que se abrem para o ser humano se engrandecer e agarrar o mundo “com certeza e inconsequência.’

Por outro lado, a estudante da Arquitetura lembrou a exposição de fotografias, “O outro lado da montanha”, fazendo a comparação entre as imagens da exposição que, segundo ela, “retratavam a mineração de uma maneira muito harmônica, vezes até bonita, graças ao tratamento digital dado às fotos” e na Serra, “essa máscara desaparecia”. O sentimento de frustração a atingiu e seu relato possui um tom de realidade e de inquietação.

‘(...) “A iluminação” assim observa Merleau-Ponty, “não está ao lado do objeto”, ela é “o que nos faz ver o objeto”, está no meio daquilo que somos e que ordinariamente nos escapa, e surge a paisagem. O mesmo lugar terrestre muda assim de valor segundo a estação ou a hora. diz Dardel (2011, p.40). Mas também com nossos sentidos, emoções, memórias. Toda a geograficidade se revelou na experiência de imersão na paisagem de André do Mato Dentro e arredores.

“Conhecer a região de André do Mato Dentro obrigou-me a encarar e, sobretudo, sentir o que eu era e onde eu estava”, relata-nos a aluna de Belas Artes. Por ser do interior mineiro, especificamente de Varginha (sul de Minas Gerais), a estudante sempre demonstrou a paisagem como uma memória artística que se encontra dentro dela.

A consequência da visita à André é o resgate de minhas raízes, é a retomada de paisagens mentais e fictícias, e assim, resumo meu trabalho à um catálogo de memórias possíveis. (...) A primeira percepção sobre André é a evocação de memórias paisagísticas, sobretudo, advindas da região do Sul de Minas, e dessa forma o trabalho se desenvolve conceitualmente a partir das lembranças trazidas pelo local visitado, e posteriormente relacionado com outros trabalhos já desenvolvidos nessa mesma lógica.

O relato do trabalho dessa estudante se concretizou em apresentações de paisagens, foram feitos desenhos em pastel seco, preto e branco, trazendo “formações que me



cercam desde à Serra do Curral até às memórias do sul”. A estudante, ao apresentar a paisagem, mostrou pelo seu olhar a importância da angulação que mostra, “como se estivesse em cima da Serra justamente como estava na travessia”. Além disso, a diversidade e o modo como que trata a vegetação e a profundidade da paisagem, dos horizontes mostra a particularidade de quem vê e apresenta essas paisagens (figura 2).

Figura 2. Trabalho da estudante das Belas Artes



Fonte: Arquivo pessoal, novembro 2019.

A estudante de Arquitetura trouxe outra experiência, sem a presença do ser humano ou dela mesma inserida, somente ela como quem enxerga, a arquiteta pontuou:

‘a paisagem pressupõe a presença do homem, de uma racionalidade para ser entendida, ou seja, o espaço por si só é morfologia e é vegetação, mas não é uma paisagem propriamente dita. Para se tornar paisagem, este ambiente precisa tocar alguém e ser absorvido por esse alguém, somente assim é dado ao espaço, significado, transformando-o em paisagem.’

Ao conhecer a comunidade de André de Mato Dentro, o espaço antes desconhecido para ela tornou-se um lugar, com relação afetiva e significados. Mostrou um encanto e uma tranquilidade, “num curto espaço de tempo, me causou sensações de muito conforto”

No ensaio da Cavallhada Feminina, uma festa típica, ocorreu no mesmo dia da nossa chegada, pudemos conhecer pessoas da Comunidade de Socorro que, com a iminência de um rompimento da barragem da Mina de Congo Soco, foram evacuadas de forma forçada. Esse encontro deixou em todos os alunos uma estranha indignação, pois ao ver



Socorro vazia, uma pequena comunidade com várias casas e até com a presença de uma bela igreja barroca.

Foi nesse momento que, para a estudante da arquitetura, os elementos começaram a se encaixar e ela começou a pensar o lugar,

‘o espaço, a morfologia, a vegetação e a localização, todas em harmonia com a dinâmica da população, que utiliza aquele espaço como palco de suas relações sociais, suas tradições e seu cotidiano; e por trás das montanhas a consciência de que algo maior atua por ali, escondido, porém muito poderoso.’

Assim como a colega, a discente se recordou da infância que passou no interior de Minas, “na Serra dos Alves e Cabeça de Boi, logo do outro lado da Serra do Gandarela”. Procurando materializar algo para apresentar no trabalho final, começou a enxergar paradoxos, ao ver uma comunidade que até então não era conhecida por ela e ao mesmo tempo tocava suas memórias afetivas,

principalmente nessas dualidades: escala social e escala monumental; fatores de interação internos e externos; temporalidades permanentes e temporárias. (...) Em busca de produzir este produto, me vi muitas vezes imaginado André como composto de cenários. (...) Por fim, tomei a decisão que uma maquete de cenários, que funcionasse como um teatro, seria a opção que me proporcionaria todos esses elementos.

Construiu maquetes que demonstraram essas diferentes realidades em um mesmo cenário, as horizontalidades e verticalidades que se inserem nesse espaço e que, vendo por fora, um olhar “novo”, uma janela que foi aberta, ela conseguiu entender a conjuntura de André e de muitos outros interiores mineiros (Figura 3).

Já o estudante de Geografia da turma quis mostrar o “seu” André do Mato Dentro, sua percepção, por meio da fotografia. Diz ele, “de fatos a fotos expostas, juntamente de poesias, esse é o caminho adotado. A ideia é um conjunto de 20-25 fotos que serão fixadas em algum artefato” (Figura 4).

A arte, assim como a ciência, também brota da relação orgânica do homem com o meio, e por isso é tão importante para a geografia. Nas manifestações artísticas estão inscritas geografias da mesma forma que foram necessárias geografias para concebê-las (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p.22).

Dessa forma, a geografia não considera apenas a natureza, mas toda a relação dos homens com a terra, numa conexão existencial que é, ao mesmo tempo, teórica, prática, afetiva, simbólica, interdisciplinar e que delimita o que é um mundo (DARDEL, 2011). E a arte é uma linguagem que intermedia e apresenta a relação do Ser com esse mundo.

Os estudantes que participaram da experienciada disciplina escolheram cada qual lançar mão de uma linguagem (desenhos, fotos, maquetes e textos) para apresentar a sua



experiência da travessia: “Da paisagem ao lugar André do Mato Dentro e seus arredores”.

Figura 3. Trabalho da estudante da Arquitetura



Fonte: Arquivo pessoal, novembro 2019.

Figura 4. Trabalho do estudante da Geografia



Fonte: Arquivo pessoal, novembro 2019.



Juntos, mas cada um através da sua sensibilidade e habilidade, conceberam, organizaram e expuseram o resultado na exposição - no Instituto de Geociências da UFMG - que intitularam “Rota de fuga”, título escolhido como forma de se indignar pela situação dessas comunidades (FIGURA 5).

Figura 5. Foto da exposição intitulada “Rota de fuga” concebida, organizada e apresentada pelos alunos como finalização da disciplina em novembro de 2019 no IGC /UFMG



Fonte: Arquivo pessoal, novembro 2019.

Também como produto dessa experiência dos acontecimentos geopoéticos foi produzido um vídeo intitulado “Buscando diferentes Rota de Fuga” (<https://youtu.be/oe01yTGlcUY>) de produção do nosso co-autor GUIDO Lins, com os materiais resultantes das experiências expostas na exposição de mesmo nome que ao ser premiado na Mostra Virtual do #VisualizaUFMG 2020 foi divulgado no espaço do Conhecimento. Mais uma maneira de, através da arte, expor as nossas geografias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem geográfica é uma das várias formas de denunciar o descaso, a invisibilidade e mostrar a indignação. E dentro da Geografia há vários caminhos. Escolhemos trabalhar aqui pela linguagem da arte, explorando a sensibilidade e as habilidades de cada *Ser* que experienciou a *realidade geográfica* de Socorro e seus arredores. O lugar que mora dentro de cada um, externalizou-se a partir da experiência de uma paisagem que não lhe era cotidiana, mas o sentimento de indignação revelou a intersubjetividade da experiência e todos quiseram fazer de seus trabalhos uma denúncia. Por isso escolheram o título “Rota de fuga” para uma exposição final, numa menção ao



abandono dos moradores das comunidades a quem restou a única opção as “rotas de fuga” como registro de uma política de esvaziamento de seus territórios, desmantelamento dos seus “lugares de vida” e invisibilidade do Estado. Cada estudante a seu modo tentou expressar o sentimento que exalou daquele lugar nos dois dias que convivemos intensamente e de ouvidos e corpos abertos ao que se passava, traduzindo a experiência da paisagem por meio da expressão da arte: desenhos em crayon, fotografias e maquetes. Por meio da experiência proporcionada pelo campo fica o registro e o grito dessas vozes caladas por sirenes, lama e descaso, através do sentimento e da sensibilidade de discentes que se revoltam com a agressividade dessa *realidade geográfica*. Nessa experiência geográfica, por meio da geopoética, fomos escavando a essência paisagem, para deixar revelar essas outras geografias que orbitam a Geografia do conhecimento.

Agradecimentos à PROEX/UFMG e IGC/UFMG.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. S.; DINIZ, A. M. A. O zoneamento morfológico funcional das cidades médias mineiras: o exemplo de Barão de Cocais. Soc. nat., Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 79-91, dez. 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132008000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 maio 2020

CENTRO CULTURAL MINAS TÊNIS CLUBE. Circuito de Museus – Ação da Secretaria de Educação de Belo Horizonte leva crianças aos espaços culturais do Minas Tênis Clube. 2019.

[http://centroculturalminastc.com.br/noticias/circuito-de-museus-acao-da-secretaria-de-educacao-de-belo-horizonte-leva-criancas-aos-espacos-culturais-do-minas-tenis-clube/](http://centroculturalminastc.com.br/noticias/circuito-de-museus-acao-da-secretaria-de-educacao-de-belo-horizonte-leva-criancas-aos-espacos-culturais-do-minas-tenis-club/) Acessado em set 2019.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução HOLZER, Werther. - São Paulo: Perspectiva - 2011.

DE PAULA, F. C. **Sobre geo.poéticas e a condição corpo-Terra**. Revista Geograficidade, [S.l.], p. 50-65, jan. 2015. ISSN 2238-0205. Disponível em:

<https://doi.org/10.22409/geograficidade2015.50.a12928> . Acesso em: 16 abr. 2020.

DIAS, J. B. **A dimensão dos sistemas naturais na (re) produção dos sistemas agrícolas da agricultura familiar**: análise da paisagem de três comunidades rurais na região metropolitana de Curitiba (em São José dos Pinhais, Mandirituba e Tijucas do Sul) 357 p. Tese de doutorado apresentada no Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná. março 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Barão de Cocais.



<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/barao-de-cocais/panorama>. Acesso em: 20 abril 2020.

MARANDOLA JÚNIOR, E. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento.**

Revista Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan. 2010. ISSN 2177-5230.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2010v25n49p7>

Acesso em: 15 abril 2020.

MEINIG, D. W. **O Olho que Observa: Dez Versões da Mesma Cena.** Revista Espaço e Cultura, [S.l.], n. 13, p. 35, set. 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7424> . Acesso em 18 abril 2020.